



GÉNERO E CULTURA PRISIONAL: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

MIGRAÇÃO, EDUCAÇÃO E SISTEMA DE JUSTIÇA PENAL

Título:

Migração, Educação e Sistema de Justiça Penal

Monografia temática:

“Gênero e Cultura Prisional: Passado, Presente e Futuro”

Volume: 4

Data:

Janeiro de 2022

ISBN:

978-989-53503-3-9

DOI:

<https://doi.org/10.51389/FXEJ8500>

Organização:

Marco Ribeiro Henriques & Ana Guerreiro

Autores/as:

Catarina Milhais Ferreira Gonçalves
Carlos Roberto Jamil Cury
Emanuel Carvalho
Heitor Campos de Azevedo Guimarães
Hercules Guimarães Honorato
Jacqueline Hellman
José Maria Carvalho
José Manuel Resende
Luciane M. R. da Cruz Santos
Márcio de Oliveira
Priscila Costa Pedroso

Revisão:

Nadine Rita
Fernanda Romão

Formato:

E-book

Projeto Gráfico:

Carina Silva

Imagem de capa:

MicroStock Hub

Coleção:

Debates XXI

Coordenação:

Marco Ribeiro Henriques (Portugal)

Conselho Editorial:

Daniela Serra Castilhos & Marco Ribeiro Henriques

A coleção "Debates XXI" é editada pela chancela editorial JUS.XXI e pretende publicar textos e documentos originais com carácter interdisciplinar e multidisciplinar com interesse para Portugal e contexto europeu, África e América do Sul, especialmente nas áreas dos Direitos Humanos, das Relações Internacionais, da Economia, da Saúde, da Ciência Política, do Direito e das Ciências Sociais amplamente consideradas. Embora, esta coleção, se dirija prioritariamente ao espaço da América Latina e da Península Ibérica, bem como aos fenómenos de integração: MERCOSUL e União Europeia, não deixará de interessar também ao espaço científico, político e cultural africano.

Edição e distribuição:

JUS.XXI
DEE International Publishing, Lda

Morada:

HIESE - Habitat de Inovação Empresarial nos Sectores Estratégicos,
Quinta Vale do Espinhal, EM 558 1,
3230-343 Penela (Coimbra)

E-mail:

info@dee.pt
www.dee.pt

Facebook:

facebook.com/debateseequacoes
@dee.portugal

Feito na União Europeia

©copyright

Todos os direitos são reservados e o acesso à obra é totalmente aberto. Seja na totalidade ou em parte, este livro não pode ser reproduzido ou transmitido a título comercial sem a autorização por escrito da editora.

Edições JUS.XXI é uma chancela editorial registada de DEE Internacional Publishing, Lda.

Nota:

Os/as editores/as não são responsáveis pelas opiniões, comentários e manifestações contidas nos capítulos onde se expõe exclusivamente a opinião do/a respectivo/a autor/a enquanto manifestação do seu direito à liberdade de expressão académica e científica. Os textos estão publicados na sua versão original pelo que a responsabilidade por eventuais lapsos de escrita ou opção ou não pela utilização do novo acordo ortográfico é dos/as Autores/as.

Poderá saber mais sobre a política de publicação em www.dee.pt

MIGRAÇÃO

EDUCAÇÃO

E SISTEMA

DE JUSTIÇA PENAL



COMISSÃO CIENTÍFICA

Alessandra Rapaccio Mascarenhas Prado

Universidade Federal da Bahia

Ana Costa Almeida

Instituto de Contabilidade e Administração de Coimbra

Ana Roseira

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Ana Sani

Universidade Fernando Pessoa

Ana Teresa Carneiro

Universidade da Maia / Jorge Carneiro & Associados, Sociedade de Advogados, RL

André Paulino Piton

Universidade da Maia

André Pereira Matos

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

António Dores

Instituto Universitário de Lisboa

Carlos Silva

Universidade Católica de Salvador

Carmen Hein de Campos

Centro Universitário Ritter dos Reis

Cristiane de Souza Reis

Universidade Federal Fluminense

Daniela Serra Castilhos

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Dora Resende Alves

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Fábio Veiga

Instituto Iberoamericano de Estudos Jurídicos

Fátima da Cruz Rodriguez

Faculdade de Direito da Universidade do Porto

Ilda Massano

Instituto Superior Miguel Torga

Isabelle Rocha Valença Figueiredo

Associação Tocantinense do Ministério Público

Isabel Dias

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Joana Almeida

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

João Proença Xavier

Universidade de Salamanca / Universidade Coimbra

Jorge Quintas

Faculdade de Direito da Universidade do Porto

Manuel Simas Santos

Universidade da Maia

Manuela Ivone Cunha

Universidade do Minho

Maria Creusa de Araújo Borges

Universidade Federal da Paraíba

Maria João Escudeiro

Instituto Politécnico de Lisboa

Maria João Leote de Carvalho

CICS.NOVA / Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais

Miriam Silva Pina

Faculdade de Direito da Universidade do Porto

Olga Furriel de Souza Cruz

Universidade da Maia

Paulo Fraga

Universidade Federal de Juiz de Fora

Pedro Sousa

Faculdade de Direito Da Universidade do Porto

Rafaela Granja

CICS – Universidade do Minho

Raquel Matos

Universidade Católica Portuguesa

Sidney Guerra

Universidade Federal Fluminense

Sílvia Gomes

CICS -Universidade do Minho / Florida State University

Sónia Caridade

Universidade Fernando Pessoa

Susana Almeida

Instituto Politécnico de Leiria

Susana Costa

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Universidade Católica de Salvador

Vera Duarte

Universidade da Maia

ORGANIZAÇÃO

Marco Ribeiro Henriques

Professor assistente convidado no Instituto Politécnico de Viseu do Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra), e investigador na área do direito público, nomeadamente direitos humanos, sistemas prisionais e políticas públicas responsivas ao género integrando projetos de I&D internacionais e nacionais. É licenciado e mestre em direito e atualmente é doutorando na área do direito público pela NOVA School of Law, Universidade Nova de Lisboa. Preside atualmente à Mesa da Assembleia Geral do Observatório os Direitos Humanos de que também é membro associado desde a sua constituição. Foi ainda coordenador do Grupo de Juristas da Secção Portuguesa da Amnistia Internacional. É autor e coautor em diversas publicações científicas tendo diversos trabalhos publicados em Portugal e no estrangeiro na área dos direitos humanos e inclusão social.

Ana Guerreiro

Assistente convidada no ISMAI – Universidade da Maia e investigadora na área do crime e género. Doutoranda em Criminologia na Faculdade de Direito da Universidade do Porto (FDUP).

CAPÍTULO VI

O RISO SEM SISO: NO CORPO ENCADEADO NA EXPERIÊNCIA SITUADA HÁ ESPAÇO À EXCRESCÊNCIA *

LAUGHTER WITHOUT WISDOM: THERE IS
SPACE TO EXCRESCENCE IN THE BODY
CHAINED TO THE SITUATED EXPERIENCE

AUTORIA

José Manuel Resende¹

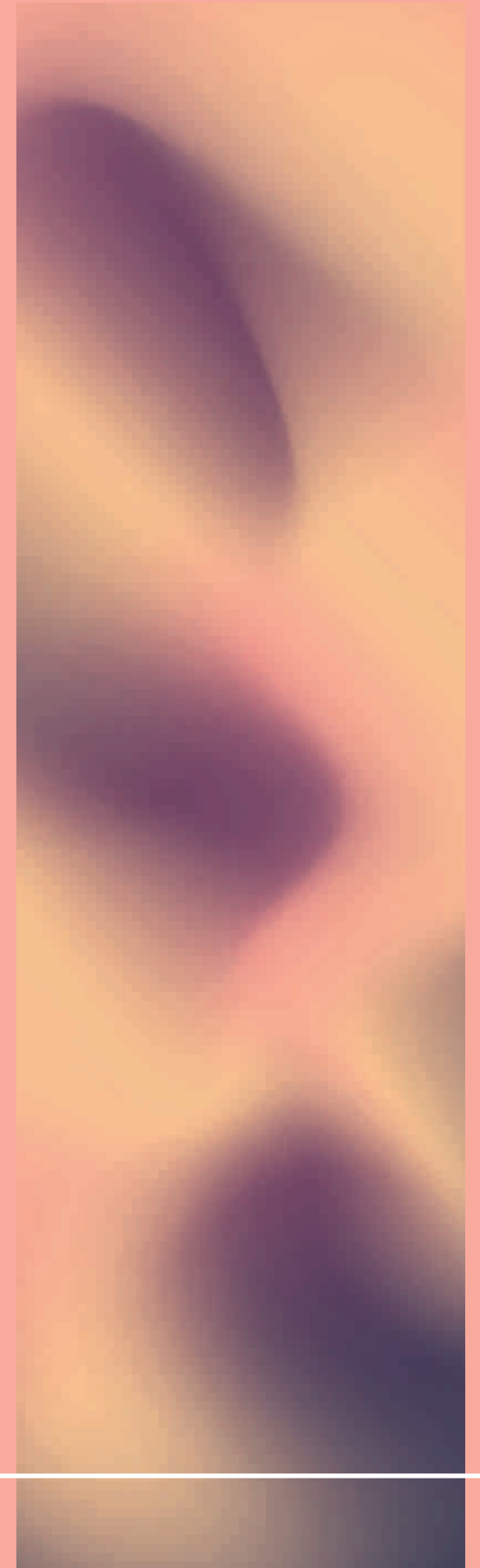
Universidade de Évora

José Maria Carvalho²

Universidade de Évora

1 Universidade de Évora
2 Universidade de Évora

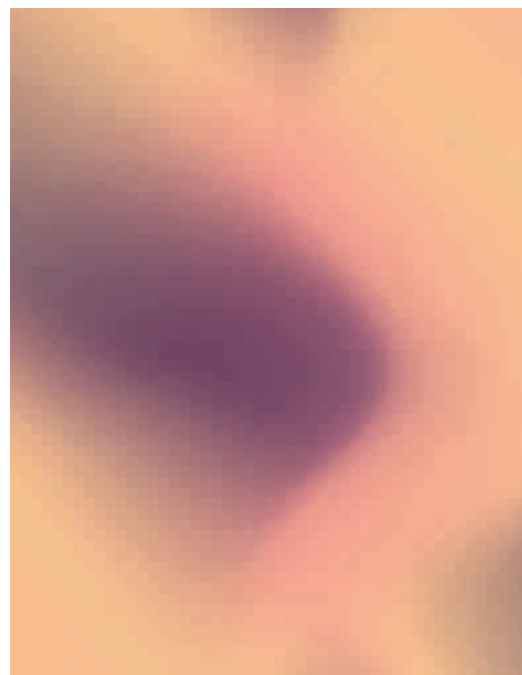
* Os autores devem um agradecimento à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), entidade financiadora do projeto de doutoramento, ainda em curso, do qual relevam os dados apresentados, a toda a equipa do CORPOEMCADEIA por ter colaborado desde a primeira hora com a nossa pesquisa, ao Estabelecimento Prisional do Linhó por ter aberto as suas portas ao pesquisador e aos reclusos que nos acolheram com a hospitalidade como se em suas casas estivessem.



O RISO SEM SISÓ: NO CORPO ENCADEADO NA EXPERIÊNCIA SITUADA HÁ ESPAÇO À EXCRESCÊNCIA

LAUGHTER WITHOUT WISDOM:
THERE IS SPACE TO EXCRESCENCE IN THE BODY CHAINED TO THE
SITUATED EXPERIENCE

ABSTRACT



O projeto CORPOEMCADEIA intervém junto de uma população de reclusos do Estabelecimento Prisional do Linhó através da dança. Tendo por mote um momento específico ocorrido numa das sessões na prisão, captado durante a pesquisa etnográfica que se tem vindo a realizar, sugere-se uma leitura sociológica de orientação pragmatista do fenómeno do riso humorístico. Atenta às dimensões fenomenológica e existencial que particularizam a experiência do humor, negligenciadas por boa parte da produção sociológica sobre o assunto, não descarta as situações concretas em que os atores se engajam na coordenação do curso da ação coletivamente, mas também consigo mesmo. Assim se intenta mostrar como a ambiguidade e duplicidade inerentes ao humor não são um obstáculo a ultrapassar completamente, o que colocaria um ponto final no mesmo. Aqui, elas são afir-

madadas enquanto tais, colorindo a situação e relevando do carácter sequencial da ação. Quando assim é, ver-se-á instaurar um espaço ficcional que confere um carácter lúdico às consequências da ação, onde a presença dos participantes se consubstancia sob a forma de uma semi-crença. Finalmente, aproximar-se-á a experiência do riso humorístico à improvisação artística, um dos pilares no qual se apoia o projeto estudado para atingir os objetivos a que se propõe.

Palavras-chave: Humor; Riso; Pragmatismo; Improvisação; CORPOEMCADEIA.

ABSTRACT

The CORPOEMCADEIA project intervenes with a population of inmates from the Linhó Prison Establishment through dance. Taking a specific moment that occurred in one of the dance sessions, captured during the ethnographic research carried out in the prison, we suggest a sociological reading of pragmatist orientation of the phenomenon of humorous laughter. Attentive to the phenomenological and existential dimensions that particularize the experience of humor, neglected by much of the sociological literature on the subject, it does not neglect the specific situations in which the actors engage in coordinating the course of action collectively, but also with themselves. Thus, we intend to show how the ambiguity and duplicity inherent in humor are not an obstacle to be completely overcome, or else laughter ceases to occur. Therefore, in the present study ambiguity is taken as coloring the situation and highlighting the sequential character of the action. Thereinafter, it will be seen to establish a fictional space that gives a ludic character to the consequences of the action, where the presence of the participants takes the form of a semi-belief. Finally, the experience of humorous laughter will approach artistic improvisation, one of the pillars on which the studied project is based in order to attain its purposes.

Keywords: Humor; Laughter; Pragmatism; Improvisation; CORPOEMCADEIA.

I. ENCETAR O OLHAR NO RISO: APRECIÇÕES INICIAIS

A pretexto da pesquisa de doutoramento em Sociologia, preocupado em estudar as experiências criativas artísticas em contextos institucionais, temos vindo a acompanhar o projeto CORPOEMCADEIA (CEC), o qual, coordenado pela Companhia Olga Roriz, intervém junto de um grupo de cerca de uma dezena de reclusos do Estabelecimento Prisional do Linhó, com o objetivo de promover a inclusão social e a prevenção do crime através da prática artística da dança e das suas dinâmicas criativas e relacionais. Para tanto, fazemos uso de várias técnicas da pesquisa etnográfica para seguir as sessões semanalmente dinamizadas pela equipa do CEC¹.

Ao longo do tempo, pudemos constatar a presença recorrente do riso em vários dos exercícios criativos propostos, o que não pôde deixar de aguçar a nossa curiosidade sociológica². Evidentemente, o riso está longe de ser uma categoria homogénea, cobrindo a ampla gama que vai do sorriso levemente esboçado à gargalhada convulsiva. Além disso, seria imprudente concebe-lo como a resposta automática ao fenómeno humorístico. Risos há por simpatia, por conveniência, cordialidade, nervosismo, por receio de cair no ridículo, por escárnio, ironia, compaixão,

¹ O acompanhamento presencial das sessões foi interrompido em Março de 2020, devido à pandemia de Covid-19, e ainda não foi retomado.

² Focaremos no presente texto apenas uma anotação do Diário de Campo, por economia de espaço, mas outras haveria que reforçam esta ideia.

até. Da mesma forma, parece-nos consensual afirmar que nem todos os fenômenos que sentimos e consideramos humorísticos são, na verdade, acompanhados de riso: poder-se-á contê-lo pelos mais distintos e válidos motivos, mas podemos igualmente replicar a um gracejo com outro gracejo ou com uma congratulação verbal. Reconhecer a inexistência de correspondência exata entre o riso e o humor não é, todavia, negar-lhes qualquer tipo de relação, mas simplesmente conferir-lhe a complexidade que é a sua.

Que o riso é também uma questão de grau, manifestação compósita e plural, e como tal deva ser lido com cautela, não invalida que ele não entretenha, com efeito, uma ligação fundamental com o humor. A esse respeito, basta atermo-nos ao cotidiano, onde o riso é tido por autêntico quanto mais próximo estiver de uma reação espontânea ao engraçado, ao cômico, ao divertido. Com efeito, o riso irônico insinua na contração do rosto uma intenção determinada, sem a qual seria desprovido de sentido: é um riso que, por mais eficaz que seja, porventura até apropriado, não deixa de ser tido por falso. Falso, não pela malícia, por vezes salutar, que subjaz em toda a ironia, mas por lhe ser reconhecido um propósito i) interessado e ii) alheio ao humor³. Justamente por isso é que mesmo quando o riso surge com a melhor das intenções (alegrar alguém, consola-lo, confortá-lo), ele não deixa de ser positivamente falso, e assim permanecerá enquanto mantiver relação com uma qualquer finalidade, independentemente do seu conteúdo. Positivamente, pois que não nos situamos no domínio lógico-epistemológico. Nestes casos, a falsidade é precisamente aquilo que confere sentido ao riso. De resto, essa falsidade não é apenas sentida pelo alvo do riso, mas igualmente por quem ri, sem embargo ser esse tal riso falso a conduta mais adequada a adotar. Paradoxalmente, vemos que é pela contemplação da densidade e variedade das categorias do riso e do humor que a notoriedade da sua relação adquire força, na medida em que nos deixa de sobreaviso contra as teses de pendor behaviorista e/ou cognitivista que têm no riso uma resposta mecânica e automática a certa família de estímulos externos.

No presente texto, partiremos de uma anotação registada em diário de campo que descreve o caso concreto da ocorrência de uma onda de gargalhadas coletiva durante um exercício de improvisação. Como se verá, trata-se de um riso manifestamente humorístico, uma reação pronta a algo divertido que acontece e cuja compulsividade parece indicar uma reação espontânea, imediata, pré-reflexiva. Encontramo-nos, portanto, perante algo aparentemente inacessível à Sociologia, e, porém, é nosso fito mostrar que essa espontaneidade, não nos custa admitir que incontornável, está ao seu alcance, sendo um fenómeno social por excelência.

Nesse sentido, não obstante as várias aproximações sociológicas ao humor⁴, pro-

³ As duas condições são conjuntivas, já que é perfeitamente possível ter um interesse no humor, conforme atesta a prolífica área de atividade profissional que gira em seu redor.

⁴ O interesse sociológico pelo fenómeno do humor é relativamente recente, como atesta o excerto de Kuipers (2008). Grosso modo, ele tem sido apreendido à luz das abordagens estrutural-funcionalistas (Cf. Apte, 1985), das teorias do conflito (Cf. Speier, 1998; Scott, 1988) e do interacionismo simbólico (Cf. Kothoff, 2006). Deste modo, o humor tem sido reduzido às suas funções, seja como fomentador da coesão e ordem social, seja como mecanismo de dominação, de luta ou subversão, ou então como modelo comunicacional numa interação dotada de inteligibilidade mútua. Segue-se que, num caso como no outro se perde a especificidade da experiência humorística na ambiguidade e complacência que lhe é própria, as quais, é nossa convicção, é apreensível através das ferramentas analíticas oferecidas pelas sociologias pragmatistas.

poremos uma leitura arrimada nas sociologias de inspiração pragmatista, capaz de devolver o fenómeno humorístico às situações concretas em que tem lugar, vendo nele, antes de tudo, uma forma e uma tonalidade de socialidade com o mundo através da qual os atores se engajam na coordenação do curso da ação com os outros e consigo mesmo. Pensar o humor nas suas dimensões experiencial, prática, afetiva e expressiva com as suas nuances na corporalidade, sem abdicar dos seus níveis reflexivo, mediato, cognitivo, discursivo, é um objetivo que transcende o presente texto. Não prescindimos, porém, de esboçar uma (curta) tentativa, relacionando-o, em jeito de remate, com a improvisação artística.

II. O ÂNGULO EXCITANTE E CRIATIVO DO ATO DO RISO: UMA LEITURA PRAGMATISTA

A densidade semântica do vocábulo “humor” é considerável. Inclui certamente i) a qualidade do que diverte, mas também ii) a disposição de ânimo que capacita a apreciação do divertido, e iii) o modo da ação divertida. Qualquer que seja o caso, o humor não “é”: não reside no estado de coisas, mas numa sua qualidade, não é atributo definitivo do sujeito, mas uma sua disposição virtual, tampouco é um conjunto especificado de ações, mas o modus divertido da praxis. Dizer que o humor é uma qualidade e não um objeto, uma modalidade e não uma ação, um virtual não necessariamente atual, é seguramente contestar uma visão positivista e unívoca do mundo, mas sem com isso aderir a um construtivismo que dificilmente se impede de reduzir o humor às circunstâncias sociais que lhe deram forma e sentido, substancializando assim o social e perdendo de vista a sua especificidade⁵.

A veia sociológica pragmatista que nos orienta conduz-nos não tanto à síntese, mas antes para fora da aporia aparentemente insanável entre um realismo estrito e um construtivismo relativista. É a própria realidade que delira⁶, que é ontologicamente múltipla⁷ e efervescente, conforme a intuição precursora de W. James⁸. Mas a realidade é também, em si mesma, especulativa⁹, dotada de uma dimensão semiótica, como atesta a obra de C. S. Peirce¹⁰, dando a possibilidade de deliberar e ajustar a conduta prática através da imaginação e da antecipação das consequências, como já afirmara J. Dewey¹¹. A experiência, segundo o entendimento da tradição pragmatista, remete antes de tudo para a transação energética entre o organismo e o meio am-

⁵ Cf. Latour (2012), Heinich (2001), Pickering (1984) para um estudo mais aprofundado da crítica de substancialismo do social dirigida ao construtivismo.

⁶ O realismo que invocamos não é o mesmo que é reclamado por parte considerável do que se vulgarizou como neomaterialismos, mas antes na linha dos estudos transacionais e ecológicos (Cf. Gibson, 1986; Ingold, 2015)

⁷ Cf. Mol (2002), a respeito das ontologias múltiplas.

⁸ Cf. W. James (1975), a respeito da noção de pluriversos.

⁹ Cf. D. Debaise (2017), para uma proposta de um empirismo especulativo.

¹⁰ Veja-se o trabalho de Peirce (1988) sobre as três categorias da experiência, sobretudo a da primeiridade.

¹¹ Cf. J. Dewey (1916), para o conceito de “inquiry”.

biente¹², um estar-no-mundo subjacente à relação sujeito-objeto, logo, irredutível ao somatório de sensações atomísticas e discretas.

Há algo na experiência para lá do estritamente empírico. Veja-se o seguinte exemplo¹³: 1) um comboio passa e o seu apito produz a sensação de barulho, 2) o comboio afasta-se, o apito cessa, a sensação de silêncio é restaurada, 3) durante a passagem da primeira sensação de barulho para a segunda de silêncio ocorreu algo que não pode ser reduzido a nenhuma das duas sensações, uma mudança de tom que, contrariamente ao barulho e ao silêncio, não é diretamente percebida, mas que é não só a sua condição de possibilidade como aquilo em que justamente consiste a experiência de “um comboio que passa”. O empirismo deve, pois, alargar o seu escopo¹⁴, de forma a ser capaz de aceder ao circuito constantemente percorrido entre virtual e atual¹⁵, de onde a memória e o esquecimento, o hábito e a sua revisão, a experiência. O humor deve ser colocado a esta luz e procurado nas transações com o meio ambiente. Veja-mos a seguinte nota de diário de campo:

Logo ao início da sessão, o dinamizador faz uma bola enrolando uma manta (...). [A certa altura] pede-lhes que quem tenha a “bola” na sua posse ande no meio da roda formada com ela nas mãos e a passe ao colega que desejar quando se encontrar perto dele, continuando o seu movimento pedonal até ao lugar vago da roda. Nesta fase, há total liberdade para se fazer o que se quiser com a “bola” nas mãos enquanto se anda com ela, isto é, de estilizar a sua relação com a “bola” (simular que se a vai atirar, imaginar que a “bola” é outro objeto qualquer e agir em conformidade, etc.). Ocorrem momentos de riso hilares, por exemplo quando a “bola” passa, simbolicamente, de objeto de defecação para uma toalha de banho. Alguns reclusos, inclusive, deitam-se no chão em certos momentos, contorcendo-se às gargalhadas. (Diário de Campo, 9/3/2020).

Nenhuma piada é dita, nenhum gracejo pronunciado, e, todavia, o riso irrompe, instala-se e alastra-se pelos vários participantes. Não um riso genérico, mas uma gargalhada convulsiva que anima os corpos, que os atira, a alguns pelo menos, para o chão e os agita sonora e cenicamente. O que aconteceu? Uma manta torcida e atada sobre si própria vale como objeto de arremesso. Cabe ao seu portador decidir de improviso, com recurso à gestualidade com que se relaciona com ele, pelo que é que ele vale (de bola de futebol a um bebé) e a quem o dar. No caso apresentado, um dos participantes simula com o objeto o ato de defecar, tomando-o seu produto. Surgem risadas no grupo, intensificadas quando o objeto defecado é entregue em mãos ao colega. O auge do riso estaria ainda, no entanto, para chegar, justamente quando o novo proprietário do objeto desfaz a sua natureza defecada e o torna um lençol de banho com o qual enxuga o corpo. Aqui, as gargalhadas disparam, a ponto de o exercício sofrer uma interrupção.

Como arraigar este fenómeno humorístico à realidade? É verdade que o humor depende

¹² Cf. Dewey (2008) ou Quéré (2019), para o estudo da dimensão transaccional da experiência.

¹³ Exemplo retirado de Ballabio (2018).

¹⁴ Já em James se constata claramente a esta tentativa, transposta em termos sociológicos por Hennion (2016), que substitui a realidade das coisas pela realidade das relações, dos fluxos, das ligações.

¹⁵ Veja-se o empirismo transcendental, inspirado em Bergson, proposto por Deleuze (1998), ou, mais recentemente, o infra-empirismo afetivo conforme pensado por Massumi (2002).

da sua inscrição num fundo de sentido. É por isso que nenhum fenómeno da natureza, a queda de uma árvore, por exemplo, divertirá, senão por analogia com a dimensão humana (lembrar a queda de um humano, etc.)¹⁶. A nossa trilha não é a da negação da necessidade do sentido, mas a da sua naturalização social¹⁷, se entendermos que a transação com o ambiente nos depara com eventos que nos transcendem e que não só são construídos a posteriori pelos humanos, como contêm uma carga hermenêutica em si¹⁸. Procuremos, pois, compreender o humor no quadro da situação concreta descrita e da sequencialidade da ação que nela se desenrola.

É intrigante que a gargalhada humorística seja simultaneamente o mais absoluto e o mais relativo. O mais absoluto, com efeito, já que gargalhar é ser tomado repentinamente por uma atmosfera que nos envolve e que nos escapa do controlo (já todos vivemos momentos em que desejaríamos parar de rir sem que o consigamos fazer). A situação cômica, a sua carga divertida, impõe-se, independentemente da nossa intenção. Por outro lado, não é menos verdade que o que está no coração dessa submersão é um movimento de relativização da situação, deslocando o foco para outras escapatórias imprevistas e não controláveis por antecipação. Precisamente porque o sentido do humor depende da ambivalência que o caracteriza e que diverte, no seu duplo sentido de entreter e divergir e escapar. Estar divertido é estar entretido, ser capturado pelo cômico, absorto (ninguém dá pelo tempo que passa durante uma gargalhada), e ao mesmo tempo numa constante deriva, com um pé, não tanto fora da situação, mas no seu fora (por isso é que não nos alheamos da situação, mas relativizamo-la na evasão momentânea que o divertimento também proporciona), o que acaba por reconduzir uma e outra vez a ambivalência, impedindo que esta se dissolva, e assim garantindo o seu caráter de não-seriedade. É por isso que acontece não nos podermos impedir de rir (ou fazemo-lo à custa de um esforço considerável) perante uma piada que sabemos potencialmente ofensiva. O equilíbrio da experiência humorística assenta nesta irremediável fratura que cauciona a ambivalência e que ao invés de a conduzir à determinação, a segura na sua duplicidade.

Esta duplicidade fenomenológica é fundamental para se compreender o humor. Não devemos cair no engodo de julgar que os participantes do exercício creem realmente que a manta amarrotada são fezes ou uma toalha de banho, muito menos que ela se transforma uma na outra com um toque de midas. E, no entanto, se as gargalhadas espasmódicas surgem é porque a manta vale por fezes e por lençol de banho, porque um se transforma no outro, e não por ser apenas uma manta. Em rigor, é por valer por isto e aquilo enquanto permanece a mesma manta. O humor não deve ser levado literalmente. A partir do momento em que o é, já deixou de o ser.

Trata-se, pois, de uma situação laminada¹⁹, um espaço ficcionado e lúdico²⁰ onde as consequências da ação valem sob a fórmula do “como se”. Não se confunda, apesar de tudo, esta dimensão imaginativa com a noção de representação cognitiva. Os participantes, a começar pelo próprio, sabem imediatamente que aquele que evacua a manta não o faz realmente (é uma

¹⁶ Cf. Bergson (2019), acerca do formato essencialmente humano do humor.

¹⁷ Cf. Kaufmann & Cardonier (2011); Ogien (2014); Quéré (2019), sem prejuízo das suas diferenças.

¹⁸ Cf. Quéré (2013), a respeito do conceito de “evento”.

¹⁹ Cf. Auray (2013), a respeito da noção de jogo e de lúdico.

²⁰ Cf. Zaccai-Reyners (2005), a respeito da noção de ficção e semi-crença.

evidência perceptiva, pré-reflexiva), sem para isso necessitarem de formar uma representação cognitiva. Os efeitos que emergem como se a manta valesse por outra coisa qualquer inscrevem-se na própria sequência da ação, colhendo esta o seu sentido da teia gestual e corporal em que se insere. Por ser uma obra coletiva é que este espaço ficcional circunscrito pelos traços fenomenológicos do humor requer, a fim de ser compreendido, de ser pragmatizado, reenquadrado na coordenação concreta do curso da ação em que os vários participantes do exercício estão envolvidos.

O engajamento nesta atividade de improvisação repousa numa semi-crença, onde as consequências dos atos, sendo seguramente tidas em conta, são assumidas a partir de um certo desprendimento. Assim é que aquele que se limpa com o lençol defecado sabe que, fazendo-o, não se sujará. A semi-crença instaura então um distanciamento de si relativamente à sequência da ação, a partir do que as consequências são relativizadas. Mas comporta, identicamente e como correlato, um distanciamento de si a si, no seio do qual os participantes modulam a densidade da sua presença²¹. Sem este afastamento relativamente a si mesmo seria inevitável entender a defecação à vista de todos como uma conduta no mínimo descuidada, ofensiva, até, provavelmente, o que de todo não acontece. Estamos perante um compromisso lúdico, o que facilita a exploração de uma margem de indeterminação, de criação, de improvisação, precisamente.

Mas não basta esta estrutura laminada e dúplice da situação, este engajamento lúdico e semi-crença associada para que o fenómeno humorístico ocorra. Se assim fosse, o riso pontificaria durante todo o exercício, o que manifestamente não acontece: não só ele surge em momentos específicos como varia de intensidade ao longo desses momentos. A monitorização dessa variação oferece contributos significativos para perceber o que falta para aceder à qualidade humorística da ocasião relatada. Repare-se: o riso surge na simulação do ato de defecar, conduta bizarra, absurda, não fosse o contexto ficcional do “faz de conta”. Ato, contudo, banalíssimo. A estranheza, de um lado, a trivialidade, do outro, tocam-se, conciliando-se unicamente devido ao espaço que o lúdico estabelece. A transposição de um ato banal, mas reservado, para um contexto em que se torna excêntrico e público origina um deslizamento do sentido entre dois domínios distintos, instaurando a ambiguidade.

Mas o riso reflui. O ato em causa cessa, a manta é entregue a outro participante. Tendo em conta o carácter serial-temporal da ação, seria de esperar uma resposta adequada: limpeza da manta, arremesso para longe, etc. Mas o exercício, é de lembrar, visa estimular a improvisação. Tudo pode acontecer, embora nem todas as vias possíveis sejam potencialmente humorísticas. Ora, o participante, vendo-se com a manta nas mãos, realiza o improvável: limpa-se com a manta defecada. Aqui, o riso escala, galopa num só instante para as gargalhadas desalmadas, empurrando inclusive certos corpos para o chão, convulsionados. De onde virá o cómico da situação? Trata-se de um misto de continuidade e descontinuidade da ação. Por um lado, se o facto de se limpar à manta tem graça é porque ela não é apropriada para tal, e se ela não o é, deve-o à simulação do participante anterior, pelo que se estabelece umnexo sequencial entre as duas encenações, uma lançando luz sobre a outra e lhe conferindo inteligibilidade, por mais atípica

²¹ Cf. Piette (2013), a respeito do misto entre ausência e presença que caracteriza a presença humana.

que seja, e vice-versa. Mas, por outro lado, não deixa de ser um episódio teoricamente ridículo e grotesco, desprovido de sentido na maioria dos contextos imagináveis. Ora, é nossa hipótese que é este encontro repentino, inesperado, entre o sentido e o insensato que desencadeia o fenómeno humorístico que almejávamos.

III. NA BUSCA DO IMPOSSÍVEL: O IMPROVISO DA RISADA COMO PONTO COM OUTROS DESDOBRAMENTOS

A verdadeira criação artística desdobra uma lógica paradoxal²². Se através dela se traz à existência algo possível, então mais não faz que atualizar uma potencialidade já latente, desdobrar uma possibilidade. Não é criação, portanto, mas passagem a ato. A criação só o é à custa de trazer à vida o até então impossível. Ela tem que aparecer como impossível, como aquilo que não era possível, mas se tornou possível. O que, convenhamos, é impossível. Talvez que a criação não exista, nesta aceção estrita da palavra. Esta busca pelo impossível não deixa, no entanto, de ser a experiência que é a sua.

A improvisação, procurando trabalhar, independentemente de realmente o conseguir, num nível abaixo, das convenções discursivas e corporais, das representações cognitivas, sem embargo de a elas recorrer²³, visando desfazer os modos de sentir, pensar e fazer rotineiros, ganha com a instauração de um espaço lúdico conforme delineamos, onde é possível jogar com várias camadas de sentido sem arriscar consequências sancionadoras, já que o engajamento no curso da ação, com os outros e consigo próprio é simultaneamente envolvente e distanciado.

O riso humorístico consistiu num ângulo que se verificou profícuo para adentrar nesta modalidade presencial matizada e mista que dá corpo à semi-crença. Carregando consigo a ambiguidade e a incerteza até ao final, resistindo ao seu apaziguamento e/ou determinação, o humor comporta em si, na sua gargalhada mais gutural, nesse momento em que está prestes a passar, a possibilidade improvisada. Isto porque é aí que a presença mais absorta tem por nervura uma ausência que tem por efeito fazer a situação descolar de si mesma, relativizando-a: tornada risível, podemos fazê-la delirar, ficcioná-la, talvez criar.

²² Cf. Derrida (2012).

²³ Cf. Colapietro (2016), acerca do quão a improvisação apela ao treino, à repetição, à técnica e aprendizagem.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Apte, M. L. (1985). *Humor and laughter: na anthropological approach*. Cornell University Press;
- Auray, N. (2013). *Le corps et présence à distance*. In B. Munier (Dir.), *Technocorps. La sociologie à l'épreuve des nouvelles technologies*. François Bourin;
- Ballabio, A. (2018). *The genesis of the creative experience in C. S. Peirce*. *Cognitio*, 19(2), 220-226;
- Bergson, H. (2019). *O riso. Relógio de Água*;
- Colapietro, V. (2016). *Musical, linguistic, and other practices: minor variations on several major themes*. *Cognitio*, 17(2), 193-220;
- Debaise, D. (2017). *Speculative empiricism. Revisiting Whitehead*. Edinburgh University Press;
- Deleuze, G. (1998). *Lógica do sentido. Perspetiva*;
- Derrida, J. (2012). *Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento*. *Revista Cerrados*, 21(33);
- Dewey, J. (1916). *Essays in Experimental Logic*. University of Chicago Press;
- Dewey, J. (2008). *El arte como experiencia*. Paidós;
- Gibson, J. (1986). *The Ecological Approach to Visual Perception*. Lawrence Erlbaum Associates Inc;
- Heinich, N. (2001). *La Sociologia del Arte*. Ediciones Nueva Vision;
- Hennion, A. (2016). *From ANT to pragmatism: a journey with Bruno Latour at the CSI*. *New Literary History*, 47, 289-308;
- Ingold, T. (2015). *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Vozes;
- James, W. (1975). *Pragmatism and The Meaning of Truth*. Harvard University Press;
- Kaufmann, L., & Cardonier, L. (2011). *Vers un naturalisme social. À la croisée des sciences sociales et des sciences cognitives*. *SociologieS*;

- Kothoff, H. (2006). *Gender and humor: the sate of the art*. *Journal of Pragmatics*, 38(1), 4-25;
- Kuipers, G. (2008). *The sociology of humor*. In V. Raskin (Ed.), *The primer of humor research* (pp. 361-398). Mouton de Gruyter;
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do actor-rede*. Edusc;
- Massumi, B. (2002). *Parables for the virtual. Movement, affect, sensation*. Duke University Press;
- Mol, A. (2002). *The body multiple: ontology in medical practice*. Duke University Press;
- Ogien, A. (2014). *Pragmatismes et sociologies*. *Revue Française de Sociologie*, 55(3), 563-579;
- Peirce, C. S. (1998). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Vol. II (1893-1913). Indiana University;
- Pickering, A. (1984). *Constructing quarks: a sociological history of particle physics*. Edinburgh University Press;
- Piette, A. (2013). *Au cœur de l'activité, au plus près de la présence*. *Réseaux*, 182, 57-88;
- Quéré, L. (2013). *Les forms de l'événement*. In E. Ballardini, R. Pederzoli, S. Reboul-Touré, G. Tréguer-Felten (Eds.), *Les facetes de l'événement: des formes aux signes*. *Mediazioni*;
- Quéré, L. (2019). *From interaction to transaction: ecologizing the social sciences*. In C;
- Morgner (Ed.), *John Dewey and the notion of trans-action. A sociological reply on rethinking relation and social processes* (pp. 223-252). Palgrave Macmillan;
- Scott, J. C. (1985). *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. Yale University Press;
- Speier, H. (1998). *Wit and politics: na essay on laughter and power*. *American Journal of Sociology*, 103(5), 1352-1401;
- Zaccari-Reyners, N. (2005) *Fiction et typification*. *Methodos*, 5;